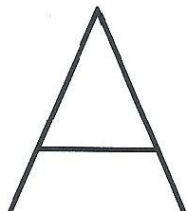


# CONVITE À NOSTALGIA

*Organizadas por temas, pinturas que remetem  
a outras épocas ganham status de objetos-  
reliíquias e criam atmosfera cenográfica na casa*

Texto MARIA BEATRIZ GONÇALVES

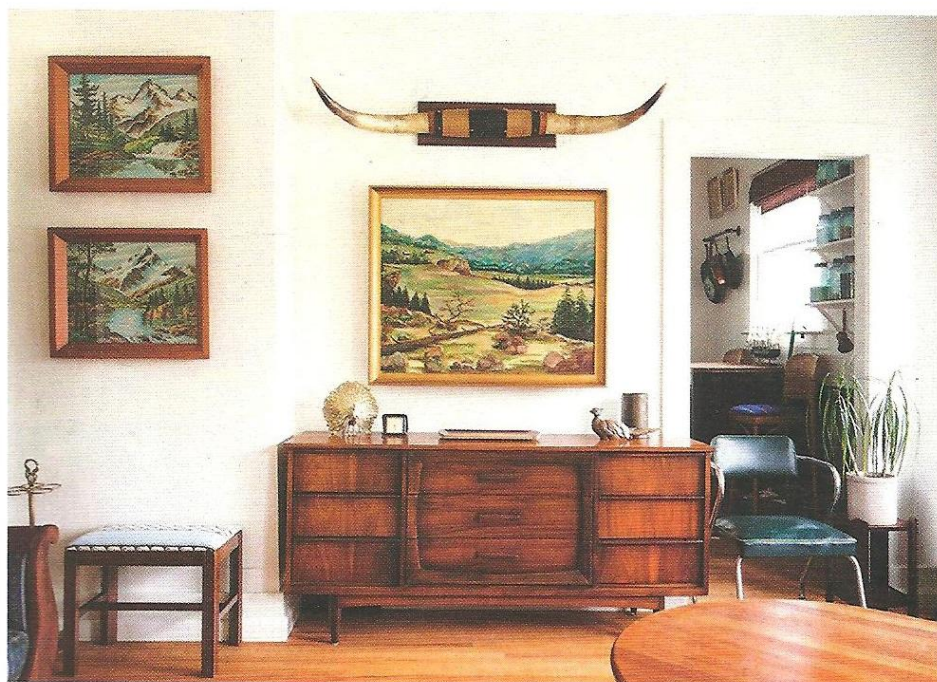




casa como uma espécie de “galeria de arte” é algo que aparece há muito na decoração de interiores, em diferentes sociedades e por diversas razões.

Uma possível retomada evidencia um interesse por telas antigas menos apoiado no valor artístico ou monetário das obras em si, e mais relacionado com as emoções e afetos que elas representam: são quadros que remetem a lembranças, relíquias de família ou pinturas de temas quaisquer que, sem a

necessidade de consenso, agradam o olhar. “A ideia de construção de um cenário estetizado no interior das residências ou, no mesmo sentido, a criação de uma certa ‘atmosfera’, que varia de acordo com os gostos e as possibilidades de cada um, é uma espécie de condição necessária na definição contemporânea de bem-estar e qualidade de vida. Ou seja, as pessoas têm um profundo desejo por beleza – seja lá qual for a definição de ‘belo’ – e a casa é um território privilegiado para a expressão desse desejo”, explica o sociólogo e mestre em comunicações Dario Caldas. →

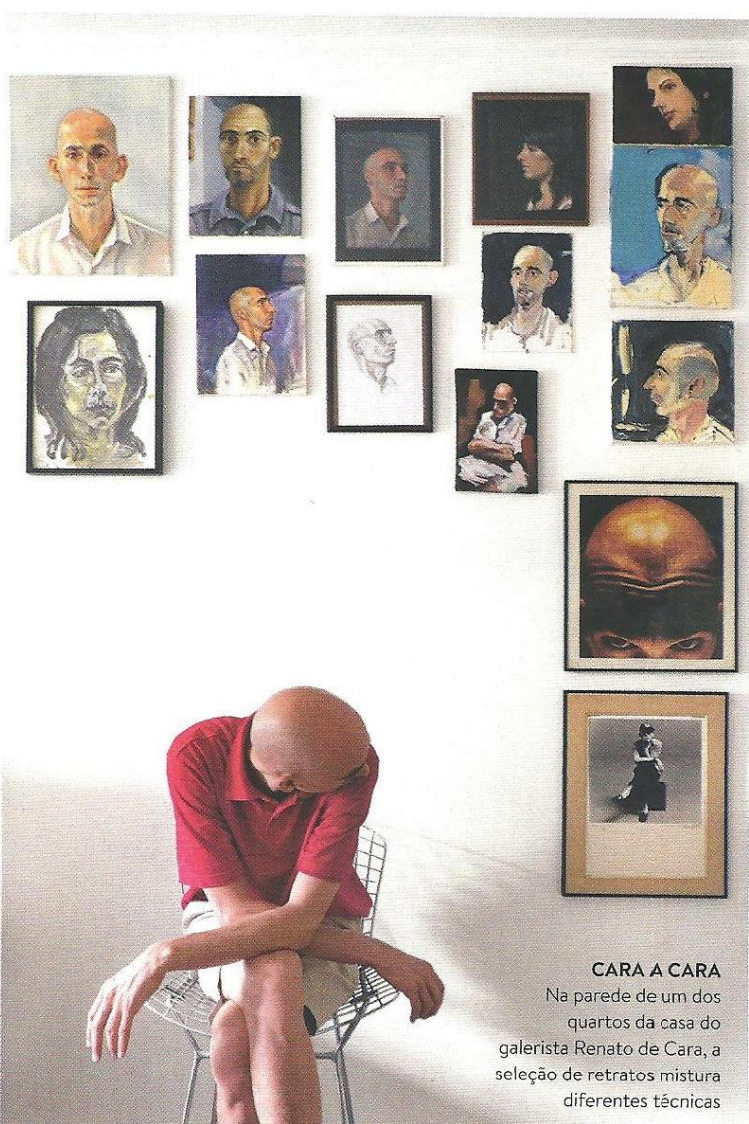


↑ **CINQUENTISTA** À esquerda, na loja Homestead, em Seattle, nos Estados Unidos, o par de pinturas de montanhas é um *paint by number*, popular nas décadas de 1950 e 1960. No centro, as cores vibrantes e a moldura de madeira destacam a pintura a óleo, também datada de meados do século 20

← **CLÁSSICO** Conhecido como “bar dos antepassados”, o espaço de recepções do Chateau Gütsch, localizado em Lucerna, na Suíça, reúne pinturas a óleo que pertenciam ao acervo da construção, datada de 1888. O dourado das molduras contrasta com o azul do papel de parede no décor assinado por Martyn Lawrence Bullard

*“QUANDO FALAMOS EM CONFORTO EMOCIONAL,  
O TOQUE PESSOAL PREVALECE SOBRE  
QUALQUER OUTRA REGRA IMPOSTA.”*

DARIO CALDAS



Life Gomes/Editora Globo

**CARA A CARA**

Na parede de um dos quartos da casa do galerista Renato de Cara, a seleção de retratos mistura diferentes técnicas

Naturezas-mortas, retratos, autorretratos ou paisagens. Seja qual for o gosto individual, as sensações de alento e harmonia no espaço se potencializam ainda mais quando as imagens em questão são organizadas por temas, o que incrementa um certo clima nostálgico trazido pela pintura em si. “A memória afetiva é um elemento importante para o conforto emocional, que envolve também estímulos sensoriais e ter uma experiência agradável no ambiente”, lembra o sociólogo. Na contramão de um certo minimalismo bastante em voga ultimamente, o retorno ao passado traz “uma carga de significado e de emoção eventualmente ausentes no ‘estilo contemporâneo’”, complementa.

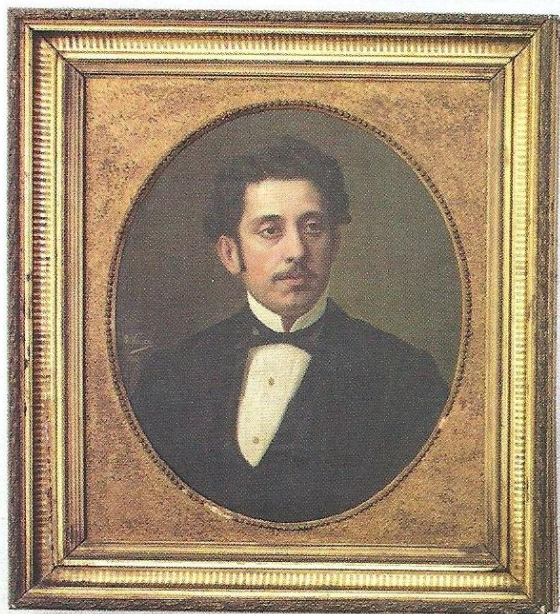
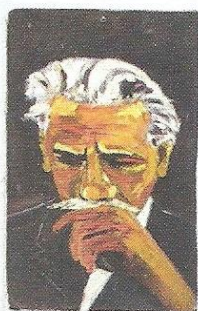
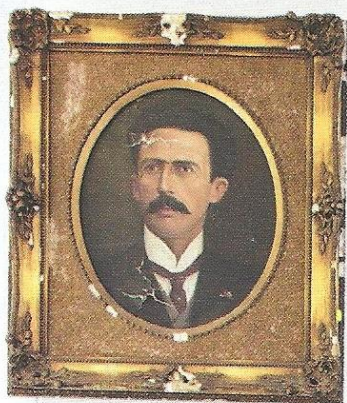
**EM BUSCA DA SUA COLEÇÃO**

Muitos retratos e algumas paisagens antigas estão entre as pinturas expostas na filial dos jardins da loja Verniz, em São Paulo. Mistura de antiquário e galeria, o espaço reúne obras selecionadas a partir da curadoria atenta dos sócios Luciano Tartália, Fábio Matheiski e Paulo Bega. A coleção de objetos modernos e vintage é equilibrada, constrói no espaço com cara de casa um híbrido interessante de diferentes épocas, uma marca de estilo que predomina em muitos projetos de interiores contemporâneos. “Hoje queremos sentir em cada peça as mãos do artista”



Atlantic Archives/Richard Leo Johnson

**CONTRASTE** Na entrada desta casa, um canto de leitura improvisado combina o estilo retrô e o moderno, tanto na seleção de peças e revestimentos quanto nos retratos que compõem a parede, reunidos em muitas andanças pelo mundo



**GARIMPO** As telas com moldura dourada em exposição na loja Verniz, em São Paulo, foram garimpadas em uma casa no Alto de Pinheiros, em São Paulo, e datam de 1868. No centro, pintura a óleo feita em uma tábua de madeira, achada em um ferro-velho no interior de São Paulo. No alto, à direita, retrato que veio de um brechô no bairro da Bela Vista, em São Paulo. Também à direita, no canto, outro retrato encontrado em um ferro-velho

“DEVEMOS TER EM CASA SOMENTE AQUILO QUE NOS TRAZ UMA BOA SENSÇÃO, SEJA CONFORTO, CALMA, PAZ OU ALEGRIA.”

PAULO BEGA

**PAISAGENS** À esquerda, pintura a óleo garimpada na Suécia. Ao centro, pintura inglesa datada de 1973 que traz uma cena rural; à direita, a pintura a óleo com motivos náuticos e colinas ao fundo cria um clima de casa na loja Homestead, em Seattle



Homestead Seattle/Divulgação

que se dedicou para que uma matéria bruta se transformasse em algo belo. Estamos nos dando conta do que realmente tem valor”, avalia Fábio.

Depósitos, feiras de rua, bazares estilo “família vende tudo” e leilões são os espaços pelos quais o trio transita em busca dos achados expostos na loja, cujo DNA se apoia essencialmente na ideia de *upcycling* para resgatar o valor de objetos cheios de estilo. “Gosto de visitar lugares em beiras de estrada, restaurantes sem bandeira, postos *underground*”, conta Luciano. Ao escolher, é importante avaliar o estado de conservação da pintura. “Caso esteja empoeirada, jamais passe produtos

sobre a pintura ou a moldura, nem na frente nem atrás. Panos secos ou úmidos podem danificar a pintura, assim como os produtos de limpeza, que não devem chegar nem perto dos quadros. Use apenas um pincel macio seco para remover o pó e não deixe as obras expostas em paredes onde bata sol”, explica a Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Marcia Rizzo, especialista em restauração de pinturas. Assumir as imperfeições que contam a história da peça é essencial: “Gostamos quando esses quadros trazem marcas do tempo, como trincas, desgastes e até mesmo furos. Mostram o percurso que ele fez até chegar às nossas mãos”, finaliza Paulo Bega. **CJ**